

mosfera colorida dos dias excepcionais do Carnaval. Com seus rituais irreverentes, suas máscaras, luzes e música, o Carnaval representava a principal celebração da vida de rua. Nas campanhas para abolir esta festa, a elite simbolizava as tentativas de controle da rua pela casa.

A vida das criadas e a relação entre estas e patrões não ficaram alheias às importantes transformações que atingiriam o Rio no final do século XIX. Destacam-se a abolição da escravatura e a modernização da cidade. Se não redefiniu radicalmente o papel das escravas domésticas, a abolição estabeleceria novas bases de negociação e conflito no espaço da casa. Fosse por demissão da ex-senhora ou por deserção voluntária, a ex-escrava agora passava à rua mais facilmente. Na rua, entretanto, o clima estava insuportável, pois a elite carioca cuidava de embelezar e higienizar a cidade para servir à classe média urbana e a si própria, expulsando os pobres do centro da cidade, demolindo cortiços, desbaratando redes sociais significativas, e construindo praças de traçado europeu para deleite dos elegantes da casa.

Mas a rua não se rendeu à casa. A resistência, que tinha longa tradição, chegou nesse momento a tomar a forma de valente oposição à demolição dos cortiços, ou se expressou com mais dramaticidade em episódios como a revolta da vacina, em 1904.

A tensão entre casa e rua sobrevive em nossos dias. Entre um território e outro, continuam a circular e combater as domésticas, que das favelas descem para o trabalho como antes vinham dos cortiços. Este penetrante estudo sobre a labuta, o lazer, o amor e a dor das empregadas no passado é um livro atual.

João José Reis
Universidade Federal da Bahia
Departamento de História

BARROS, José Flávio P. de & MELLO, Marco Antonio da S. & VOGEL, Arno. *A Galinha-d'Angola. Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro, Pallas, 1993. 204p

Em *Teoria da Religião* (Ática, 1993:23), o filósofo francês Georges Bataille, ao examinar os rituais arcaicos, chama a atenção para a existência de uma poética na animalidade: “O animal abre diante de mim uma profundidade que me atrai e que me é familiar. Essa profundidade, num

certo sentido, eu a conheço: é a minha. É também o que para mim está mais longinquamente oculto, o que merece este nome de profundidade, que quer dizer precisamente *o que me escapa*. Mas é também a poesia...”. Acredito que isto está subjacente à reflexão que Barros & Mello & Vogel desenvolvem sobre a galinha-d’angola.

Com o objetivo de mostrar que a distinta galinha, também conhecida como *estou fraca ou coquém*, é o símbolo por excelência, “focal”, do candomblé, os autores vão chamar a atenção para “a saga mítica” deste animal que, no universo religioso do candomblé é classificado, como “bicho de dois pés, com as todas as sutilezas e nuances que somente o povo-de-santo sabe dizer”.

Centralizar em um único animal a imagem que pretende dar conta de um universo cosmológico e sociológico complexo, permitiu aos autores não somente dar fôlego às reflexões acadêmicas, mas a nos levar a digressões que, para quem não é “de dentro”, pode parecer incognoscíveis. E aqui está o cuidado assumido pelos autores, de que “a ordem de apresentação das evidências que nos levaram a atribuir à galinha-d’angola o estatuto de símbolo focal do candomblé é, de algum modo, arbitrária e tentacular” (p.96).

A modéstia intelectual pode ser compreendida como tentativa de construir a argumentação a partir da imagem de um mosaico. Termo melhor não poderia ter sido escolhido, pois como os autores explicam, é na galinha-d’angola que se encontra o sistema cromático da cosmologia afro-brasileira, apoiado substancialmente na tríade de cores - branco, preto e vermelho. E isto está exemplificado na descrição do *borí*, ritual que abre o ciclo iniciático, quando se demonstra a antítese e a complementariedade entre o pombo (no sistema religioso afro-brasileiro simbolizado com a cor branca, a calma, o comedimento, a serenidade) e a galinha (a policromia, o movimento, excitação).

Mas de que modo a galinha-d’angola apresenta-se como elemento heurístico para os autores? O fio condutor é a explicação de mitos e dos diversos contextos cerimoniais onde foram encontrar a galinha, dos sacrifícios consagrados a maioria dos orixás aos “barcos de iaôs”, do “borí” à romaria.

Para familiarizar o leitor com a “problemática” foi necessário ressaltar a importância da ida do iniciado ao mercado. E aqui reside um achado, na medida em que a lista de compras que o neófito leva vai desempenhar um papel importante na sua própria instrução. É o que os autores vão destacar como “pedagogia iniciática” pois no mercado haverá de ter tudo necessário à vida sagrada - “não seria absurdo dizer que o mercado possa equacionar-se ao próprio cesto-da-criação, pois reúne todas as coisas que, por meio do sacrifício, e do rito em geral, servem para banhar, vestir, ali-

mentar e divertir os deuses, encantando-os para que venham mostrar-se, nos homens e entre homens, reafirmando, teimosa, solene, orgulhosa e alegremente que o aquém e o além não se encontram nem irreduzível, nem definitivamente separados “(p.26s).

Com a hipótese de que a galinha-d’angola realiza plenamente, “através de uma imagem sensível, a idéia da pessoa que alcançou uma integração mais estável e duradoura dos elementos fragmentários que a compunham “(p.94), os autores analisam, notadamente no capítulo sobre o *dia-do-nome* ou *a saída-do-santo*, as simetrias e analogias existentes entre a galinha-d’angola e o iniciado. No que conheço de maior riqueza analítica sobre a questão, demonstram a relação simbólica entre a “saída-de-iaô”, o seu conjunto, a indumentária, as pinturas corporais e a imagem da galinha-d’angola. Dizem os autores: “Foi essa imagem que nos proporcionou a intuição fundamental para orientar a nossa pesquisa e reflexão” (p.86). Daí depreende-se o porque da maneira de andar do iaô, a sua locomoção como quem cisca o chão. Enfim, transmutando-se, vivenciando o mito estaria ele a repetir a figura e os gestos do momento primordial da criação em que a conquém é o protagonista principal do surgimento da Terra: “A galinha-d’angola foi quem fez a terra. Foi a primeira a existir. Ela simboliza a terra - Odùduwà. Ela simboliza a terra, tanto que ela é o chão em que o iaô vem e vai embora. Existia pouca terra. Ela ciscou, ciscou... E o chão foi aumentando. E aí surgiu a Terra... No *asèsè* tem galinha-d’angola (p.88)”:

Isto posto, coube aos autores analisar o fechamento do ciclo iniciático, chamado *romaria*, que é a obrigação do iniciado de assistir uma missa católica. Aqui, aparece um deslocamento do objetivo “focal” do livro - a análise simbólica do papel da galinha-d’angola na iniciação e na construção da identidade religiosa afro-brasileira. Procurando dar um valor explicativo a uma fase do processo iniciático que não mereceu a devida atenção dos estudiosos, os autores dão relevância à face pública que é a transposição de elementos sociológicos presentes num contexto religioso dominante. Ou seja, a ida a uma igreja católica revelaria o desejo de um não-ocultamento do candomblé. De fato, isto é extremamente interessante para se discutir as identidades sociais dominantes (o ser católico?) em contato com uma identidade em construção (aquela do iniciado), e as consequências analíticas para a candente temática do chamado sincretismo religioso.

Seria possível pensar que o simbolismo da galinha-d’angola, presente nas fases rituais anteriores (e no interior dos terreiros) estaria completamente separado desse último rito, por excelência externo ao terreiro, como transparece na análise? A possibilidade de vincular à imagem da galinha-

d'angola com a idéia de uma pessoa “estruturada” talvez não seja o nexo simbólico?. Colocando de outro modo, a argumentação preciosa dos autores (pag.94): a ida do noviço a uma igreja católica não seria, no plano mais do que individual, a demonstração de um sistema religioso dominado que estaria sutilmente a reiterar legitimidade no espaço do “outro”? Afinal , a coquém é tida como um animal irrequieto e animoso.

A análise simbólica nos leva, portanto, a reiterar a contribuição deste livro para os estudos do universo religioso afro-brasileiro, que ainda muito tem a dizer. Tocando em um tema que para o linguajar do povo-de-santo pode ser dito como “de fundamento”, os autores, que com certeza devem ter pedido *àgô* (licença), mostram que a galinha-d'angola, além de ser boa para comer, é ótima para pensar. E, acredito, para ocultar poesia.

Jocélio Teles dos Santos
Universidade Federal da Bahia
Departamento de Antropologia

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. *Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor-Reggae, lazer e identidade cultural*. São Luís, EDUFMA, 1995. 168p

Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor é um presente que aportou nas praias acadêmicas brasileiras este ano. Vem alentar uma escassa bibliografia sobre música em um país que impressiona pela força e riqueza de sua expressão musical. A viagem que Carlos Benedito nos leva a fazer nasce na Jamaica, corre meio mundo e se naturaliza no Maranhão. Estamos falando de *reggae*, sem dúvida, um fascinante objeto de análise, uma forma musical que agrega em torno de si fluxos socioculturais significativos no panorama da cultura contemporânea.

A abordagem em questão, busca delinear as relações sociais vivenciadas por amplo segmento da população negra de São Luís do Maranhão, estabelecidas a partir da música *reggae*, enquanto estratégias de sobrevivência e lazer em uma sociedade claramente hierarquizada pelo racismo. A pergunta que orientou o autor era sobre que tipo de identificação haveria entre os negros jamaicanos e a população negro-mestiça de São Luís,